



Intricação pulsional e funções do sadismo primário

Florence Guignard, Paris*

A autora retoma o estudo das relações do ego que nasce com o sadismo primário sob o ângulo de seus trabalhos anteriores sobre a genealogia das pulsões e as etapas de intricação pulsional. Liga o conceito de apercepção de Winnicott aos efetuados precedentemente por Klein e Bion e propõe um esboço da psicopatologia do sadismo conforme um leque que vai da inibição simples à esquizofrenia e ao autismo. Expõe um breve exemplo de desintricação pulsional catastrófica que resulta no assassinio e no suicídio.

Descritores: Sadismo primário. Sadismo do id. Sadismo do superego. Genealogia das pulsões. Intricação pulsional. Projeção/introjeção. Apercepção. Rêverie materna. Simbolização. Regressão. Psicoses. Relações de objeto parcial/total. SP ↔ D. Conceitos de terceiro tipo.

* Membro da Sociedade Psicanalítica de Paris.



1 Escrever sobre o sadismo primário

Apaixonar-se pela vida, prender-se à realidade e desprender-se dela, eis o que a psicanálise problematizou no vocábulo *sadismo primário*.

Alexandre Minkowski¹, figura célebre da neonatologia, tinha o costume de dizer que lhe bastava olhar para cada um dos prematuros do seu serviço, em sua visita diária, para saber quais deles se saíam bem *porque queriam viver*.

Mas para viver é preciso intrincar os diferentes aspectos das pulsões: não mais apenas *engolir*, como era o caso *in utero*, mas também *mamar*, com tudo o que isso comporta do *fechamento* do esfíncter bucal, e em seguida, muito depressa, *morder*, com o que isso comporta de discernimento sutil entre o objeto que se mama e o que se morde. As mães que continuam a amamentar um bebê durante e após o nascimento dos dentes podem testemunhar esta intricação.

Esta intricação do sadismo oral é indispensável para a continuação do desenvolvimento psíquico. De fato, *mordida*, *machucado*, *assassinato*², os substantivos referentes ao que Abraham (1924) descreveu como *a segunda fase oral* anunciam a crueldade, o canibalismo, a devoração, o desaparecimento do objeto, sem o que não há luto deste objeto e, portanto, não há constituição de um objeto interno. Lembremo-nos da genial comunicação que Abraham fez a Freud (Freud; Abraham, 1907-1926) sobre sua descoberta, durante uma excursão nas Dolomitas, do caráter inevitável da via canibal no processo de luto: “Coraggio, Casimiro!”, exclamava-se um dos carregadores para encorajar o outro a ingerir a carne estragada, único alimento que lhes restava.

Morder a vida (*Mordre dans la vie*), *devorar* (*dévor*er), *babar* (*en baver*), *cuspir os pedaços* (*cracher le morceau*), *cortar a realidade* (*découper la réalité*), *vomit*ar a raiva (*vomir sa haine*)³, a estas expressões relativas ao *sadismo oral* podemos obviamente acrescentar pelo menos tantas outras oriundas do *sadismo uretral e anal*. Mais escatológicas, estas últimas são também marcadas por uma mentalidade fálica, mais *unissex* ainda que homossexual, em que a expressão *vá se...!* remete à definição do masoquismo feminino proposta por Freud (1924): o homem masoquista se colocaria fantasiosamente numa posição característica feminina e, portanto, *suas fantasias* significam ser castrado, sofrer o coito ou parir.

¹ Comunicação oral.

² N.R.: No original: *morsure*, *meurtissure*, *meurtre*.

³ N.T./N.R.: Optou-se por traduzir essas expressões idiomáticas francesas de modo literal e não pelo seu sentido figurado, a fim de preservar os verbos que denotam suas conexões com fantasias orais que, no caso, era o objetivo da autora. Por exemplo, *en baver* significa suar a camisa e, se traduzíssemos assim, o verbo *baver* (babar) desapareceria, perdendo-se a conexão com a oralidade.





Escrever sobre o sadismo primário do ponto de vista psicanalítico é usar as competências e os limites desta ciência humana para buscar uma representação daquele ponto de impacto, eminentemente frágil, daquele *entalhe* na realidade que todo ser humano deve fazer, durante toda a vida, para sobreviver, viver e desenvolver-se.

Escrever sobre o sadismo primário do ponto de vista do aparecimento do sentido é funcionar num duplo *a posteriori*, uma vez que a organização sádica das pulsões se dá não apenas muito antes da aprendizagem da linguagem escrita, mas também muito antes da elaboração primordial da simbolização, que é a constituição da linguagem falada.

A fim de dar minha representação pessoal desse *entalhe*, vou tentar refazer o trajeto de volta que conduz a esse cadinho precoce da organização pulsional e relacional do *primeiro ego*.

2 Inter faeces e urinas nascimur

Uma criança acaba de nascer. É colocada sobre o ventre da mãe que a olha, acaricia, fala com ela, beija-a. O cordão umbilical é cortado, a placenta, agora inútil, segue seu caminho para a saída do corpo da mãe, a atmosfera ambiente acalma-se. Se o pai estiver presente, ele acompanha o recém-nascido quando vão lhe dar banho, vesti-lo e catalogá-lo através de uma pulseira dita de *identificação...*

Silencioso ou aos berros, o *infans* força o entorno a sentir essa coisa muito estranha, essa coisa *inquietante* (Freud, 1919) que rege o aparecimento de um novo ser humano. Cada um se defende disso declarando alto e forte: “Pobre coisinha que não compreende o que está lhe acontecendo!” Provavelmente. Mas nós também não compreendemos. E enquanto os recém-nascidos mais afortunados vão ver as fadas desfilar à sua cabeceira, é a bruxa Metapsicologia que devemos invocar no encosto de nossa poltrona de analista, se quisermos tentar estabelecer algumas representações que permitam sustentar nossa reflexão e nossas hipóteses sobre o nascimento do funcionamento psíquico humano e, em particular, sobre a constituição desse ego destinado a servir três senhores: o id, o superego e a realidade externa (Freud, 1923).

Até agora [escreve M. Klein, 1946], conhecemos pouco sobre a estrutura do primeiro ego. Algumas sugestões recentes a este respeito não me convenceram: penso principalmente na idéia de Glover sobre os núcleos do ego e na



teoria de Fairbairn sobre a existência de um ego central e de dois egos subsidiários. A ênfase dada por Winnicott à não-integração do primeiro ego me parece mais útil. Direi também que *falta muita coesão ao primeiro ego e que uma tendência à integração alterna com uma tendência à desintegração, uma tendência para o despedaçamento*. Creio que tais flutuações são características dos primeiros meses de vida. (grifos meus, p. 278).

Um recém-nascido grita. Passada a reação maníaca de alegrar-se com isso – este novo rival não está, portanto, morto –, a resposta habitual a esse primeiro movimento de projeção é colocá-lo no seio da mãe: mesmo que nos primeiros instantes nenhum líquido brote do seio, a resposta espontânea do objeto ao ato de *projeção* do *infans* é, pois, uma proposição de *introjeção*. Tão logo instalado o esquema de atividade da sucção, o mundo da *cavidade primitiva* (Spitz, 1957) vai constituir o teatro da intricação pulsional, a ante-sala da atividade de digestão – modelo da atividade de pensamento (Bion, 1961) – cuja outra extremidade se tornará o lugar de controle da expulsão dos objetos indesejáveis, ou até mesmo ameaçadores.

Nesta nova versão de uma unidade reencontrada, *a apercepção* vai ter primazia sobre *a percepção*, dirá posteriormente Winnicott (1967), desde que ao menos o objeto materno desempenhe convenientemente seu papel de espelho. À pergunta que faz sobre *o que o bebê vê quando olha para o rosto de sua mãe*, responde que *o bebê normalmente se vê a si mesmo*.

Porém, como sempre, é o desvio pela patologia que ajuda a sugerir os contornos de um processo, sujeito a propor sua etiologia:

Para explicar-me [prosegue ele] falarei do caso *do bebê a quem a mãe remete seu próprio humor ou, pior ainda, a rigidez de suas próprias defesas*. O que vê o bebê nestes casos? [...] Em primeiro lugar, a capacidade criadora do bebê começa a atrofiar-se e, de um modo ou de outro, ele olha ao seu redor em busca de um ambiente que lhe remeta algo de si mesmo [...] O rosto da mãe não é, então, um espelho. A percepção toma assim o lugar da apercepção, [*a percepção*] *toma o lugar daquilo que poderia ter sido o início de uma troca significativa com o mundo: um processo em duas direções em que o auto-enriquecimento se alterna com a descoberta do significado do mundo das coisas que se vê*. (p. 112-113, grifos meus).

Assim, para Winnicott, o *infans* vai dirigir sua atenção para o mundo externo todas as vezes em que se sentir *mal acolhido* – e qual pai ou mãe teria a arro-



gância de pretender ser sempre capaz de acolher o *infans*, mesmo que seja apenas *suficientemente bem*?

3 A personificação na transferência e as afecções psicóticas

Quando Winnicott diferencia e opõe, nesse texto de 1967, a *percepção* e a *apercepção*, ele se situa, cerca de quarenta anos mais tarde, no prolongamento direto dos estudos elaborados por Melanie Klein sobre a constituição do ego e sua vulnerabilidade. Este fato notável transgride as idéias preconcebidas e amplamente difundidas pela *mentalidade de grupo* (Bion, 1948-1961), que, em vez de se deixar fecundar pelos debates de idéias entre as grandes figuras da psicanálise, usa os pontos de desacordo de Anna Freud e sobretudo de Winnicott com Melanie Klein para dispensar-se do difícil estudo da metapsicologia kleiniana e para substituí-lo por verdades contraditórias de uma pobreza muitas vezes consternadora.

É entre 1929 e 1934 que Melanie Klein elabora o *corpus* de sua teoria relativa à organização primeira do ego e do superego precoce a partir das pulsões de vida e de morte e lança suas hipóteses a respeito da etiologia das diferentes afecções psicóticas.

Considerando que a transferência se constitui no mecanismo da personificação, Klein (1929) descreve os obstáculos postos a este. Ela pensa que a angústia mais dolorosa e penosa é o fato de o superego ser introjetado em um estágio muito antigo do desenvolvimento do ego e que a supremacia desse superego precoce é um dos fatores fundamentais da gênese das psicoses.

Nas psicoses, ela distingue a transferência do *paranóico* daquela do *esquizofrênico*: o paranóico tem uma vida fantasmática muito rica, mas os personagens desta correspondem à imagem das “[...] identificações cruéis, geradoras de angústia [que] predominam na estrutura de seu superego.” e, portanto, são “[...] essencialmente negativos”, não podendo senão “[...] reduzir-se aos tipos rígidos do perseguidor e do perseguido.” No esquizofrênico, a patologia dos mecanismos de projeção gera uma carência da personificação que “[...] impede o estabelecimento e a manutenção da relação com a realidade e com o mundo externo.” (p. 252).

Estudando *as ligações existentes entre o sadismo, a simbolização e a psicose* (Klein, 1930), ela estabelece uma gênese das psicoses, relacionando-a com o conceito freudiano de *ponto de fixação*, e lança a hipótese de uma *inibição muito precoce* ou até de uma *regressão* da organização primeira do sadismo oral e anal:



- a) o ponto de fixação da *demência precoce*⁴ situa-se no apogeu da fase de sadismo oral;
- b) o ponto de fixação da paranóia encontra-se na segunda fase do sadismo oral, aquela a que vêm se agregar, e posteriormente predominar, as pulsões sádicas uretrais e anais.

Ela sublinha sua concordância com Abraham sobre este segundo ponto e com Freud sobre a fixação na fase narcísica dessas duas afecções. Descreve com uma grande perspicácia a radicalidade das *defesas* usadas pelo ego nascente às voltas com a violência das pulsões de vida e de morte e com as falhas da intricação destas através do sadismo precoce.

4 Vulnerabilidade do ego nascente e defesas contra o sadismo

Os estágios precoces do conflito edípico, escreve Klein (1930):

[...] são dominados pelo sadismo. Situam-se num período que inicia com o *sadismo oral* (ao qual se associam o *sadismo uretral, muscular e anal*) e termina no momento em que cessa a dominância do sadismo anal. É somente ao longo dos estágios posteriores do conflito edípico que surgem as defesas contra as pulsões libidinais; durante os estágios precoces, as defesas se opõem às pulsões destruidoras que acompanham o complexo de Édipo. *A primeira defesa estabelecida pelo ego se opõe ao sadismo do próprio sujeito e ao objeto atacado, ambos concebidos como fontes de perigo. Essa defesa é de uma natureza bastante violenta e difere do mecanismo de recalque. No menino, ela se opõe também a seu próprio pênis, executor de seu sadismo, e é uma das fontes mais profundas de todos os distúrbios da potência sexual.* (p. 277, grifos meus).

Ora, se estiver muito aterrorizado pelo seu próprio sadismo, se dele se defender excessiva e prematuramente, o ego do *infans* não vai poder desenvolver harmoniosamente uma vida fantasmática, como também não poderá estabelecer relações adequadas com a realidade. Com efeito, nestas condições, não poderá se apropriar em fantasia dos conteúdos do corpo materno sem se fazer atacar, em retorno, por uma transformação ameaçadora desse corpo materno que se tornou perigoso sob o domínio de suas próprias pulsões sádicas. Assim, a exploração do

⁴ A patologia de Dick, diagnosticada *demência precoce* em 1930, cujo tratamento analítico M. Klein relata nesse artigo, corresponde ao termo *autismo*, lançado por Kanner em 1943.



mundo externo – que é vivido por todo *infans* como uma extensão do corpo da mãe – vai se encontrar inibida.

Essa situação, continua M. Klein (1930), provoca uma *suspensão* mais ou menos total da *relação simbólica* com as coisas e os objetos que representam os conteúdos do corpo materno e, por conseguinte, da *relação* do sujeito com seu entorno e com a realidade. Este *recuo* constitui o fundamento da *falta de afeto e de angústia*, que é um dos sintomas da demência precoce.

A questão do sadismo é, portanto, para M. Klein, um ponto crucial no desenvolvimento psíquico: lugar de intricação pulsional e ao mesmo tempo lugar das primeiras relações de objeto e da primeira configuração edípica, o sadismo é a configuração em que podem se instalar todos os perigos para o ego ainda mal integrado do *infans*. Será que realmente avaliamos essa atmosfera de mordida, de incorporação e de introjeção, mas também de clivagem, de projeção, de negação⁵ e de *Verwerfung*, verdadeira expulsão da vida psíquica, que preside essa primeira edição da triangulação humana?

Poderíamos dizer que a patologia do sadismo é uma patologia do mecanismo de *projeção* e de suas expressões relacionais. São a importância e a complexidade dessa problemática para o desenvolvimento psíquico que vão levar Melanie Klein (1946) a conceitualizar, no prolongamento, a segunda e, posteriormente, a terceira parte de sua obra: a descoberta dos dois modos de relação de objeto – parcial e total – a levará a estabelecer as *posições depressiva e esquizo-paranóide*, as duas posições *princeps* do funcionamento psíquico e, em seguida, a continuação de seus trabalhos sobre a patologia da projeção e da introjeção a levará a conceitualizar a *identificação projetiva*.

5 A passagem das relações de objeto parcial às relações de objeto total e ao sofrimento depressivo

A *projeção* e a *introjeção* constituem um conjunto que designo como a *respiração da vida psíquica*. Ao analisar as interações destas na seqüência de seus trabalhos, M. Klein vai ter de acrescentar ao fator *quantitativo*, que esteve até

⁵ N.T.: No original: *déni*. Optamos por traduzir como *negação*. Conforme Laplanche e Pontalis (*Vocabulário de Psicanálise*. Santos: Martins Fontes, 1970) *déni* corresponde a *verleugnung*. Na mais recente tradução (Hans) da obra de Freud (2004, p. 30), o autor opta pela tradução de *verleugnung* como *negação, desmentida*. Para a autora, é importante que o leitor não confunda com a *negação* como um modo de funcionamento *secundário* ligado ao recalque e não à clivagem.





Florence Guignard

então no primeiro plano, um fator *qualitativo*, que se revela no prosseguimento do desenvolvimento psíquico.

No primeiro de seus dois estudos sobre os estados maníaco-depressivos, Klein (1934) sublinha as diferenças existentes entre a *introjeção incorporante* na *melancolia* e a *incorporação* na *paranóia*. Considerando as diferentes afecções psicóticas sob o ângulo dos *processos de incorporação*, ela observa que, na esquizofrenia, tais processos são praticamente inexistentes devido à patologia do sadismo oral que impede a personificação e, assim, a transferência. Durante a fase muito precoce em que o sadismo oral desempenha um papel de primeira ordem e constitui, a meu ver, a origem da esquizofrenia (cfe. *La Psychanalyse des Enfants*, Klein, 1932, cap. 8), a faculdade de *identificação* do ego com seus objetos é ainda muito fraca, em parte porque lhe falta a si mesmo coordenação e em parte porque os objetos introjetados são ainda e sobretudo *objetos parciais que ele confunde com as fezes*.

Por outro lado, a diferença dos destinos da incorporação na paranóia e na melancolia está ligada à diferença nos estados do ego e na qualificação dos objetos, considerada a realidade:

Na *paranóia*, as defesas características visam sobretudo aniquilar os perseguidores, enquanto *a angústia em relação ao ego ocupa o centro da cena*. À medida que se realiza a organização do ego, as imagens interiorizadas se aproximam mais estreitamente da realidade, e a identificação do ego com os bons objetos se torna mais completa. *O medo da perseguição, sentido inicialmente em relação ao ego, dirige-se agora ao bom objeto também, e a preservação deste será doravante sinônimo da sobrevivência do ego*. Esta evolução acompanha uma mudança da maior importância: *de uma relação com um objeto parcial se passa à relação com um objeto total*. Ao vencer esta etapa, o ego alcança uma nova posição que dá sua sustentação à situação que chamamos de *perda do objeto*. De fato, a perda do objeto não pode ser vivida como uma perda total antes que este seja amado como um objeto total. (Klein, 1934, p. 313, grifos meus).

A patologia da perda do objeto que se tornou total é, portanto, a *melancolia*, afecção em que os processos de introjeção são qualitativamente patológicos e quantitativamente muito significativos em relação aos processos de projeção.

Verifica-se que a passagem da introjeção de objetos parciais àquela de objetos de amor totais, com tudo o que implica, constitui um momento de impor-





tância crucial para o desenvolvimento. O sucesso desta passagem, é verdade, depende muito da maneira como o ego pôde tratar seu sadismo e sua angústia durante o estágio anterior e do fato de ter ou não ter estabelecido uma relação libidinal sólida com os objetos parciais. Mas, uma vez dado este passo, o ego parece chegar a uma encruzilhada de onde partem vários caminhos; da escolha de um destes caminhos depende toda a constituição psíquica. (Klein, 1934, p. 339-340).

Além dos estados depressivos, da mania e da paranóia, provocados por falhas dos processos de identificação com objetos de amor reais ou interiorizados, Melanie Klein (1934) menciona dois outros meios usados pelo ego “[...] *para pôr fim a todos os sofrimentos oriundos da posição depressiva*” (p. 340, grifos meus): o *meio psicótico* consiste em fugir em direção a um bom objeto total interno e em projetar toda a perseguição sobre o mundo externo, que se torna a partir de então inabitável; o *meio neurótico* consiste em fugir “[...] em direção a um bom objeto externo, meio de invalidar todas as angústias, sejam elas internas ou externas. Trata-se de um mecanismo característico da neurose; pode levar a uma dependência servil em relação aos objetos e à fraqueza do ego.” (p. 340, grifos meus).

6 Três hipóteses entrelaçadas

Será que podemos hoje ir mais adiante na compreensão dessas primeiras ligações e desligamentos da pulsionalidade humana em relação ao seu meio ambiente, inclusive em relação ao seu próprio corpo?

Vou tentar fazê-lo propondo três hipóteses a serem lidas como três esboços metapsicológicos que permitem a abordagem de uma mesma realidade psíquica: a do funcionamento psíquico *in statu nascendi*:

- a) a hipótese de uma sucessão de *etapas de intricação pulsional*, ou seja, de uma genealogia das pulsões (Guignard, 1997, cap. 2);
- b) a hipótese de um *agente organizador* da força pulsional, o objeto como agente integrador das pulsões (Klein, 1934);
- c) a hipótese de uma *forma primária de identificação* como expressão primeira de uma relação (Freud, 1921).

A hipótese de uma sucessão de etapas de intricação pulsional, isto é, de uma *genealogia das pulsões* (Guignard, 1997, cap. 2), me surgiu com toda a sua pertinência a partir de uma releitura atenta de *O problema econômico do masoquismo* (Freud, 1924). *Propus configurar as pulsões em três gerações* numa ver-

dadeira *genealogia das pulsões*. Esta supõe, no despontar da vida, uma *intricação primeira* das *pulsões de vida* e das *pulsões de morte* que dará origem às *pulsões sexuais como segunda geração das pulsões do sujeito*. Esta segunda geração vai dar continuidade ao jogo econômico das intricações pulsionais, estabelecendo uma *união exogâmica* com a *organização pulsional e psíquica adulta da mãe*, para dar origem às *pulsões do ego como terceira geração das pulsões do sujeito*.

Descoberta a partir desse movimento *introjetivo* da intricação pulsional que é a questão do *masoquismo*, essa genealogia das pulsões se encontra logicamente na configuração do *sadismo*, que constitui a expressão *projetiva* desta mesma intricação.

A hipótese de um agente organizador da força pulsional, ou seja, do *objeto como agente integrador das pulsões* (Klein, 1934) remete à relação com o seio que, para Freud, é o protótipo de todas as outras relações. É o *objeto* organizador da força das pulsões de vida e de morte, tão somente intrincadas nas pulsões sexuais do *infans* pelo seu *querer viver*; é o *deus ex machina* de toda a economia psíquica do sujeito em desenvolvimento, é o que o conceito bioniano de *capacidade de rêverie da mãe* realmente significa (Bion, 1961). Já destaquei a importância assumida pelo *objeto materno* na economia de investimento do trato digestivo pelas pulsões sexuais da criança (Guignard, 1996, p. 175-192). O ritmo de investimento desta parte interna e íntima do próprio corpo do sujeito vai depender, constante e repetidamente, de uma variável que lhe é externa: as variações econômicas do investimento pulsional sexual pela mãe, de suas atividades de alimentação e maternagem. Esta dependência, que desempenhará um papel importante na constituição tanto da realidade externa e das trocas interpessoais quanto da vida fantasmática e onírica da criança pequena, vai prolongar-se durante seus dois ou três primeiros anos de vida e, quanto ao que nos interessa aqui, vai envolver sobretudo:

- a) as dificuldades do nascimento dos dentes;
- b) a aquisição do controle esfinteriano;
- c) a instalação da simbolização e da linguagem compreendida e falada.

A hipótese de uma forma primária de identificação *como expressão primeira de uma relação* (Freud, 1921) levanta a questão das ligações que estabelecem a alucinação, a percepção, a motricidade, a *apercepção* (Winnicott, 1967) e a representação. A complexidade dessas ligações torna discutível, por definição, qualquer tentativa de descrição de um movimento espontâneo, ou até mesmo inato, da psique humana para considerar, imitar ou mesmo identificar-se com algo externo a um *self* ainda não constituído. Podemos, contudo, nos referir à categoria geral a que pertencem todas as primeiras identificações: quero falar da *identificação pro-*



jetiva, conceito elaborado por M. Klein (1946) e cujo papel primordial para o desenvolvimento do psiquismo humano foi longamente exposto por W. R. Bion (1961).

7 O conceito de sadismo primário hoje

Adotar essa perspectiva conduz, pois, a representar o sadismo primário como um modo de organização psíquica que atinge *as duas etapas* sucessivas de intricação pulsional que propus para uma genealogia das pulsões:

- a) a intricação das pulsões de vida e de morte em pulsões sexuais;
- b) a intricação das pulsões sexuais e da *versão adulta* das pulsões do Outro – pulsões da mãe – em pulsões do ego. É nesta etapa, e não na anterior, que se situa, a meu ver, a problemática da sedução proposta por Jean Laplanche (1986).

Em outras palavras, significa refletir:

- a) de um lado, sobre o destino de algo que parece pertencer exclusivamente à organização psicossomática do recém-nascido – é o que a observação de Minkowski designa⁶;
- b) de outro lado, sobre o destino da união que rege o advento das pulsões do ego no ser humano: o encontro das pulsões sexuais do *infans en devenir-sujet*⁷ com o conjunto da genealogia completa das pulsões da *mãe-sujeito-advindo*. É o encontro descrito por Bion (1961) entre a identificação projetiva do *infans* e a da mãe, *capacidade de rêverie* da qual ele fez o protótipo da *capacidade de pensar*.

Essa representação de duas etapas distintas de intricação pulsional permite melhor compreender a aporia em que se encontrou M. Klein (1929) a respeito do sadismo, aporia que a levava a falar em “[...] sadismo do id [...]” e em “[...] sadismo do superego [...]” (p. 244). Com efeito, quando o combate do recém-nascido contra a pulsão de morte não consegue instalar uma intricação suficiente desta última com a pulsão de vida sob a forma das pulsões sexuais – primeira etapa de intricação, segunda geração de pulsões – encontramos o nível de funcionamento do qual fala Minkowski e podemos falar de um *sadismo do id*. A primeira questão, então, é saber se uma intervenção externa – capacidade de *rêverie* da mãe – pode, de forma duradoura, infletir a compulsão à repetição letal desse nível de funcionamento. A segunda questão se refere, evidentemente, aos meios de que

⁶ Comunicação oral.

⁷ Expressão que significa tornar-se, vir a ser sujeito.



dispõe a psicanálise para tratar afecções como o autismo e a esquizofrenia. Aqueles entre nós que abordaram tais patologias sabem o tempo e a paciência necessários e, sobretudo, a esperança e a determinação exigidas para se conseguir instalar e manter um modo de relação que não seja excessivamente dominado pela relação de objeto parcial.

O perigo vivido pelo ego fragmentado desses pacientes é obviamente o do advento da *segunda etapa de intricação pulsional*: de fato, quem diz *intricação com as pulsões de um outro ser humano* diz *perigo de perda de objeto*. Este perigo é universal; não poupa nenhum ser humano digno deste nome, uma vez que concerne às capacidades de se ligar a um objeto de amor e ódio, de se apropriar deste no jogo dos movimentos projetivos e introjetivos, de reconhecer e aceitar sua perda, de fazer o luto do mesmo e aceitar a ambivalência dos sentimentos em relação a ele. É nesta segunda etapa de intricação pulsional que poderíamos falar em *sadismo do superego*. Trata-se evidentemente de um superego precoce, que rege de forma drástica e cruel as relações de objeto parcial, defendendo assim o ego muito frágil contra o sofrimento depressivo que resulta da intricação pulsional que visa ao objeto e, em retorno introjetivo, ao próprio ego, impedindo a passagem dolorosa *das torturas do medo aos tormentos do amor*, como diz Donald Meltzer (1973, p. 61-69).

Ao elaborar seu famoso *tripé pulsional* L_{\pm} , H_{\pm} , K_{\pm} – que hoje situo no nível das *pulsões do ego* na genealogia das pulsões –, Bion (1962) confirmou a importância atribuída por Melanie Klein (1931) às pulsões epistemofílicas no desenvolvimento do psiquismo. Lembrando que, para Klein, as pulsões epistemofílicas nascem das pulsões sádicas, destaquei a importância do meio ambiente na inflexão destas últimas na direção das pulsões epistemofílicas (Guignard, 1997, p. 75-86).

8 Patologia do sadismo primário

As disfunções que advêm na primeira etapa de intricação pulsional concernem à sobrevivência psíquica – autismo, esquizofrenia – ou até mesmo à sobrevivência somática – mericismo. Pode-se observar aí uma predominância do sadismo do id.

As disfunções que advêm na segunda etapa de intricação pulsional concernem a todo o campo das psicoses infantis, da paranóia, da melancolia e das outras doenças do luto, das somatoses, da psicopatía e da perversão. Aqui, o sadismo do superego é o mais ativo, oferecendo melhores chances para o estabelecimento de uma transferência e seu uso.



Quando há patologia da regressão, a segunda etapa remete obviamente para a primeira. Constatam-se seus efeitos nas descompensações melancólicas e nos episódios psicóticos, eventualmente delirantes, que podem ocorrer mesmo durante uma análise.

Tomemos como exemplo os assassinos loucos. Os dois mais recentes (Nanterre e Erfurt) suicidaram-se após terem encontrado e depois perdido um olhar. Um olhar-testemunha, realmente outro, testemunhando a realidade de uma cena primeira, cujo barulho e furor mostram que ela se situa quase aquém do alucinatório, no vazio de identidade absoluto. Um Outro que os olha nos olhos, como expressou claramente o professor da escola de Erfurt em seu relato à televisão: “Eu lhe disse: ‘Robert! Você está armado? Você vai me matar? Então me mate, mas olhando-me nos olhos!’ Ele baixou as armas e disse: ‘Fiz o bastante por hoje’. Então, sem refletir, abri a porta da sala ao lado, empurrei-o para dentro e a fechei à chave. Foi nesse momento que se suicidou”. O assassino de Erfurt fora anteriormente expulso da escola, mas continuava fazendo seus pais acreditarem que a freqüentava.

O assassino de Nanterre, por sua vez, passara a noite olhando para autoridades que não olhavam para ele, pois estava às suas costas. Mais tarde, na delegacia, suicidou-se no momento em que, após ter sido olhado, não o olhavam mais. Conhecemos as palavras deixadas, que mostram bem que seu gesto louco se destinava a fazê-lo existir. O desenho de Plantu no jornal *Le Monde* do dia seguinte ao suicídio o mostra *sem rosto, atirando através de uma psique em personagens anônimos*. Podemos pensar que o sadismo se voltou contra o sujeito no momento em que este interiorizou o objeto de investimento, ou seja, no momento em que este último se ausentou.

Além do fato de estes dois casos trágicos ilustrarem claramente os transtornos da clivagem do ego e do objeto, encontramos aí também o fracasso do papel intrincador da *capacidade de rêverie da mãe* (Bion, 1961), conceito metapsicológico cujo resultado do lado da identificação projetiva do *infans* é a *apercepção* (Winnicott, 1967).

9 Conclusão

Em outras ocasiões falei sobre o papel da negação na *crença* (Guignard, 1999). Eu gostaria de encerrar este ensaio lembrando que existe uma *crença na vida*, cuja origem é misteriosa e, por isso mesmo, pode ser restringida à biologia pelos psicanalistas, como o são as pulsões em relação aos instintos. Seguindo



minha genealogia das pulsões, poder-se-ia ceder à tentação de atribuir a um fator *biológico* a patologia da primeira etapa de intricação pulsional, isto é, pulsão de vida + pulsão de morte gerando as pulsões sexuais. O mesmo poderia ocorrer em relação à descrição kleiniana do *sadismo do id*.

Mas o que envolve o termo *biológico*? Será que exclui assim todo *entalhe* psíquico? Tratar-se-ia, então, *unicamente* da economia psíquica dos *entalhes* dos ascendentes do *infans* considerado? De qualquer modo, devido ao estado de neotenia do ser humano, os desenvolvimentos desta crença são muito rapidamente tributários das relações dele com seu meio ambiente *e com as crenças de tal meio*. Se a patologia da segunda etapa de intricação pulsional é claramente marcada pelo meio ambiente, isto é, pulsões sexuais + organização psíquica materna geram as pulsões do ego do *infans*, pode-se considerar a descrição do *sadismo do superego* feita por Melanie Klein como uma de suas expressões maiores.

Assim nos encontramos logo numa perspectiva de *a posteriori*, e toda patologia de desintricação que parta dessa segunda etapa vai muito rapidamente alcançar e ameaçar a primeira etapa de intricação. A oscilação destacada por Bion entre as duas posições conceitualizadas por M. Klein (SP ↔ D), sobre a qual nunca será demais lembrar que implica *simultaneamente* uma oscilação entre dois modos de relação de objeto – objeto parcial ↔ objeto total – abre novas perspectivas para o psicanalista de hoje. Tanto do ponto de vista de sua avaliação clínica quanto no que diz respeito ao seu lugar contratransferencial no tratamento analítico, ele vai poder usar conceitos resultantes da conjunção de vários vetores e que *desenvolvem sua dinâmica num espaço-tempo de quatro dimensões*. Tais conceitos, que chamei de *conceitos de terceiro tipo* (Guignard, 2002), referem-se à *interatividade transformadora dos transmissores psíquicos* (assim como se fala em *transmissores* na biologia celular). Aparecendo pela primeira vez no Freud de 1895, em *Projeto para uma psicologia científica*, são encontrados, por exemplo, em 1946, na conceitualização feita por Melanie Klein do mecanismo de *identificação projetiva* e, em 1961, na *teoria psicanalítica do pensamento* de W. R. Bion. O estudo realizado por Meltzer (Meltzer; Harris, 1992) da patologia da identificação projetiva, bem como a perspectiva de Antonino Ferro (1992) sobre o campo emocional do tratamento analítico são também expressões destes conceitos.

Os *conceitos de terceiro tipo* têm uma aplicação clínica imediatamente evidente em todo o campo dos *movimentos de transferência e de contratransferência*. É neste nível de reflexão que o conceito de *identificação projetiva* vai desdobrar todas as suas potencialidades de vetor polimorfo de comunicação. O psicanalista se aproximará mais do verdadeiro modo de funcionamento da vida psíquica, que, por definição, é de natureza *cinética e imponderável*, se abandonar a ilusão



de poder atribuir uma fiabilidade aos *estados psíquicos* e uma permanência aos *objetos psíquicos* da dupla corrente transferência/contratransferência que circulam no campo *quântico* do espaço analítico de acordo com as múltiplas valências (L_{\pm} , H_{\pm} , K_{\pm}) das pulsões do ego dos dois protagonistas (Guignard, 1997, cap. 3, p. 33-45). Interessar-se-á então pelas pontas cegas (Guignard, 1996, cap. 1, p. 11-31) que surgem no campo analítico e descobrirá que não há verdadeira compreensão da relação analítica que não passe por elas. □

Abstract

Intrication of drives and functions of primary sadism

The author once again take up the study of ego relations which begins with primary sadism from the perspective of her previous works on the genealogy of drives and the stages of the intrication of drives. She connects Winnicott's concept of apperceptions to those performed previously by Klein and Bion, and proposes an outline of sadism according to a range that goes from simple inhibition to schizophrenia and autism. She presents a brief example of catastrophic disintrication of drives which results in murder and suicide.

Keywords: Primary sadism. Sadism of the id. Sadism of the superego. Genealogy of drives. Intrication of drives. Projection/introjection. Non-perception. Maternal rêverie Symbolization. Regression. Psychoses. Partial/total object relations. $SP \rightleftharpoons D$. Concepts of a third type.

Resumen

Intricación pulsional y funciones del sadismo primario

La autora vuelve al estudio de las relaciones del yo que nacen con el sadismo primario bajo el ángulo de sus anteriores trabajos acerca de la genealogía de las pulsiones y las fases de intricación pulsional. Vincula el concepto de apercepción de Winnicott con los ya formulados por Klein y Bion y plantea un boceto de la psicopatología del sadismo dentro de un abanico que parte desde la inibición pura hasta el esquizofrenia y autismo. Presenta un exemplo sucinto de desintricación pulsional catastrófica que resulta en asesinato y suicidio.



Palabras llave: Sadismo primario. Sadismo del ello. Sadismo del superyo. Genealogía de las pulsiones. Intrincación pulsional. Proyección/introyección. Apercepción. Rêverie materna. Simbolización. Regresión. Psicosis. Relaciones objetales parciales/totales. SP↔D. Conceptos de tercer tipo.

Referências

- ABRAHAM, K. (1924). Esquisse d'une histoire du développement de la libido. In: *Oeuvres complètes*. v. 2. Paris: Payot, 1966, p. 255-313.
- BION, W. R. (1948-1961). *Recherches sur les petits groupes*. Paris: P.U.F., 1965.
- . (1961). *Réflexion faite*. Paris: P.U.F., 1983.
- . (1962). *Aux sources de l'expérience*. Paris: P.U.F., 1979.
- FREUD, S.; ABRAHAM, K. (1907-1926). *Correspondance*. Paris: Gallimard, 1969.
- . (1895). *La naissance de la psychanalyse*. Paris: P.U.F., 1996.
- . (1919). L'inquiétant. In: *Oeuvres complètes*. v. 15. Paris: P.U.F., 1996, p. 147-188.
- . (1921). Psychologie des masses et analyse du moi. In: *Oeuvres complètes*. v. 16. Paris: Presses Universitaires de France, 1991, p. 1-83.
- . (1923). Le moi et le ça. In: *Oeuvres complètes*. v. 16. Paris: P.U.F., 1991, p. 257-301.
- . (1924). Le problème économique du masochisme. In: ———. *Névrose, psychose et perversion*. Paris: P.U.F., 1973, p. 289-290.
- GUIGNARD, F. (1996). Prégénéralité et scène primitive, ou le destin fantasmatique du tractus digestif. In: ———. *Au vif de l'infantile: réflexions sur la situation analytique*. Lausanne: Delachaux et Niestle, 2002, p. 175-192.
- . (1997). Généalogie des pulsions. In: ———. *Épître à l'objet*. Paris: P.U.F., p. 26-32.
- . (1999). Il ruolo dell'affetto e della motivazione nello psicoanalista al lavoro. *Psicoanalisi*. v. 5, n. 2, p. 127-138.
- . (2002). Les concepts métapsychologiques de troisième type. In: BARANES, J. J. et al. *Inventer en psychanalyse: construire et interpréter*. Paris: Dunod, 2005, p. 99-113.
- KLEIN, M. (1929). La personification dans le jeu des enfants. In: ———. *Essais de Psychanalyse*. Paris: Payot, 1967, p. 243-251.
- . (1930). L'importance de la formation du symbole dans le développement du moi. In: ———. *Essais de Psychanalyse*. Paris: Payot, 1967, p. 263-278.
- . (1931). Contribution à la théorie de l'inhibition intellectuelle. In: ———. *Essais de psychanalyse*. Paris: Payot, 1967, p. 283-295.
- . (1932). La Psychanalyse des Enfants (1928-1934). Paris: P.U.F., 1959.
- . (1934). Contribution à l'étude de la psychogenèse des états maniaco-dépressifs. In: *Essais de Psychanalyse*. Paris: Payot, 1967, p. 311-340.
- . (1946). Notes sur quelques mécanismes schizoïdes. In: KLEIN, M. et al. *Développements de la Psychanalyse*. Paris: P.U.F., 1966, p. 274-300.
- LAPLANCHE, J. (1986). De la théorie de la séduction restreinte à la théorie de la séduction généralisée. *Etudes Freudiennes*. n. 27, p. 7-25.
- MELTZER, D. (1973). *Les structures sexuelles de la vie psychique*. Paris: Payot, 1977.
- MELTZER, D.; HARRIS WILLIAMS, M. (1992). *Le claustrum: une exploration des phénomènes claustrophobiques*. Larmor-Plage: Hublot, 1999.



Intricação pulsional e funções do sadismo primário

SPITZ, R. (1957). *Le non et le oui: la genèse de la communication humaine*. Paris: P.U.F., 1962.
WINNICOTT, D.W. (1967). Le rôle de miroir de la mère et de la famille dans le développement de l'enfant. In: ———. *Jeu et réalité*. Paris: Gallimard, 1975, p. 153-162.

Recebido em 17/07/2005

Aceito em 16/10/2005

Tradução de **Vanise Dresch**

Revisão técnica de **Alice Becker Lewkowicz** e **Luciane Falcão**

Florence Guignard

Square d'Orleans – Pavillon 7, 80 rue Taibout

75009 – Paris – France

e-mail: flogui2@club-internet.fr

© Revista de Psicanálise – SPPA

